

La Comédiathèque



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Os nossos piores amigos

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Às vezes, é mais fácil fazer amigos do que se livrar deles. Vicente e Júlia sempre passaram as férias de verão com Paco e Cristina. Mas agora aspiram a relações de um nível mais elevado, que possam favorecer as suas novas ambições profissionais. À procura de uma desculpa para se desfazer destes amigos que se tornaram incómodos, acabarão por cair na armadilha das suas próprias mentiras. Não é assim tão fácil livrar-se dos melhores amigos...

Personagens

Vicente

Júlia

Paco

Cristina

© La Comédiathèque

Interior de uma casa burguesa moderna. Vicente está a terminar de instalar uma adega de vinho elétrica antes de mergulhar na leitura do manual de utilização. Júlia chega vinda de fora e anuncia-se antes de entrar.

Júlia – És tu?

Vicente – Sim.

Júlia – Sou eu!

Vicente – Nesse caso, acho que somos nós...

Ela entra e deixa um saco de compras num canto.

Vicente – Alguém mais tem as chaves desta casa além de ti e de mim?

Ela tira o impermeável e deixa o correio na mesa baixa.

Júlia – Nunca se sabe. Podia ser um ladrão.

Vicente – Tens razão... Ou até um terrorista... Boa noite, querida.

Júlia – Boa noite, amor.

Dão um beijo rápido.

Vicente – Tiveste um bom dia?

Júlia – Estive a trabalhar no meu novo guião.

Vicente – Ah sim... Sobre o que é mesmo?

Júlia vê a adega de vinho.

Júlia – É a história de uma mulher que descobre que o marido, na verdade, é um extraterrestre.

Vicente – Uau... E como é que ela percebe?

Júlia – Percebe que ele modificou o motor do frigorífico e transformou-o num módulo espaço-temporal para tentar voltar ao seu planeta de origem.

Vicente (*distráido*) – Interessante... E como termina?

Júlia – Ainda não sei... Suponho que com um divórcio...

Vicente – Genial...

Júlia – Não, estava a brincar, só queria ver se estavas mesmo a ouvir-me.

Vicente – Que pena, estava a gostar dessa história...

Júlia – Só saí para comprar umas coisas para esta noite... A que horas é que eles chegam?

Vicente (*absorvido pelo manual*) – Quem?

Júlia – Os invasores! O Paco e a Cristina...

Vicente – Ah sim, é verdade... O Paco ligou-me. Vai buscar a Cristina ao salão e vêm.

Júlia – Ao salão?

Vicente – Ao salão de beleza! Hoje têm horário noturno, fecham às 21 horas...

Júlia aproxima-se e olha para a adega de vinho.

Júlia – O que é isto? Já temos frigorífico, não? Não me digas que se estragou...

Vicente (*orgulhoso*) – Não é um frigorífico, é uma adega de vinho.

Júlia – Uma adega de vinho?

Vicente – É como um frigorífico, mas serve para manter o vinho a uma temperatura constante.

Júlia – Para quê...?

Vicente – Para que envelheça em boas condições...

Júlia – Normalmente, não costumamos dar tanto tempo às nossas garrafas para envelhecerem...

Vicente – ...e para que o vinho esteja à temperatura ideal quando o bebermos.

Júlia – Ao mesmo tempo, também não temos grandes garrafas...

Vicente – Razão a mais para que esteja à temperatura certa!

Júlia – E quanto te custou este frigorífico de vinhos?

Vicente – Não foi caro. É um cliente com quem trabalhamos na agência...

Júlia – Quanto?

Vicente – Trezentos ou quatrocentos euros, já não me lembro bem.

Júlia – Trezentos ou quatrocentos?

Vicente – 499.

Júlia – Uau... Com isso podíamos ter comprado bastantes boas garrafas.

Vicente – Que não poderíamos ter bebido à temperatura ideal...

Júlia – Está bem, mas... Já temos uma cave, não? Quer dizer, uma cave de verdade. Em vez de encher a cave com os nossos velhos computadores a uma temperatura constante, podíamos guardar lá o vinho.

Vicente – Sim... Pensei nisso.

Júlia – Pelo menos pensaste... Isso já me tranquiliza.

Vicente – Infelizmente, verifiquei e a cave não está à temperatura certa.

Júlia – Não me digas...

Vicente – Está um pouco quente. Deve ser por causa da caldeira.

Júlia – Podíamos pôr a caldeira no meio da sala! Assim podíamos pôr o vinho na cave... (*Vicente olha para ela, perplexo*) Estou a brincar.

Vicente – E além disso, será mais prático ter as garrafas à mão...

Júlia – Se tu o dizes... (*Ela olha para o correio*) Olha, recebi os resultados das minhas análises...

Vicente (*distráido com o manual*) – Ah, sim?

Júlia abre o envelope e lê.

Júlia – Que complicado... Então... Normal, normal, normal... Ufa... Todos os resultados são normais.

Vicente (*ausente*) – Ainda bem...

Júlia – Nenhum sinal de cancro. Ainda não vais ficar viúvo.

Vicente – A temperatura...

Júlia – Não, também não tenho febre, obrigado por perguntares...

Vicente – Não sei a que temperatura devo ajustá-la... Para guardar o vinho é melhor 12 graus... Mas para bebê-lo é melhor a 18...

Júlia – Vou pôr a mesa...

Vicente – Bem, para o vinho tinto, porque para o branco... É branco ou tinto o que o Paco traz?

Júlia – Pergunta-lhe.

Vicente – Tens razão, vou mandar-lhe uma mensagem.

Ele começa a digitar no telemóvel e envia a mensagem. O telemóvel toca imediatamente.

Vicente – Uau, que rápido... (*Vicente atende a chamada*) Sim... (*como se não soubesse quem é*) Gonzalo...? (*corrigindo-se rapidamente, muito mais interessado*) Gonzalo! Não, não, claro... É que estava à espera de outra chamada de... Não, não, sem problema... Claro, podemos tratar-nos por tu... Não, de maneira nenhuma, não estás a incomodar... Estamos à espera de uns amigos, mas ainda não chegaram... Sim... Sim... Ah, sim... Ah claro... Pois sim, claro... Claro... Muito bem... Combinamos na segunda-feira, Gonzalo... Obrigado por confiares em mim, não te vou desiludir, vais ver... Boa noite para ti também, Gonzalo...

Desliga, encantado.

Vicente – Era o Gonzalo...

Júlia – Gonzalo?

Vicente – O meu novo chefe.

Júlia – Não sabia que se chamava Gonzalo.

Vicente – Confesso que eu também não. Quando comprou a empresa, a primeira coisa que fez foi despedir dez pessoas. Até agora, para mim, era o senhor Cabrera. Entre nós, chamávamos-lhe senhor Cabrão...

Júlia – E agora tratam-se por tu?

Vicente – Espera, isso não é tudo... Ele está a confiar-me o marketing digital de um novo cliente. Sim, o que fabrica estas adegas de vinho, justamente.

Júlia – A sério?

Vicente – Se tudo correr bem, insinuou-me que em breve me promoverão a Gestor de Contas.

Júlia – Genial!

Vicente – E, entretanto, vão dar-me contrato sem termo!

Júlia – Isso é maravilhoso!

Abraçam-se.

Júlia – Estou orgulhosa de ti, querido.

Vicente – Obrigado...

Júlia adota um tom mais sério.

Júlia – Ouve, queria esperar um pouco para ter a certeza antes de te dizer, mas eu também tenho uma grande notícia para te dar.

Vicente – Não estarás grávida, pois não?

Júlia – Não, tranquilo...

Vicente – Conta!

Júlia – Recebi um e-mail há pouco. De uma produtora para quem enviei o meu primeiro guião.

Vicente – E...?

Júlia – Estão interessados. Falam de assinar-me uma opção.

Vicente – Uma opção?

Júlia – Um pré-contrato, se preferires.

Vicente – Quanto?

Júlia – Como assim, quanto?

Vicente – O contrato, quanto?

Júlia – Não, por enquanto não há dinheiro. É só uma opção, com uma cláusula de exclusividade. Para que eu não possa oferecer o guião a outra produtora, percebes?

Vicente – Ah, sim...

Júlia – Mas isso significa que o guião lhes interessa. É um pequeno produtor independente. Em Bilbao. Obviamente, se decidirem fazer o filme...

Vicente – Uau... Isso é incrível! Eu vou ser Gestor de Contas em breve e tu a vender o teu primeiro guião...

Júlia – Tens razão... Não sei porquê, mas acho que estamos numa boa fase.

Vicente – Eu também... Tenho a sensação de que estamos a atingir um novo nível.

O telemóvel de Vicente vibra indicando a chegada de uma mensagem. Ele dá uma olhada ao ecrã.

Vicente – Cristina... Trazem vinho tinto.

Júlia tira uma garrafa de champanhe da sua bolsa.

Júlia – E se ajustasses a adega de vinho para champanhe? Podíamos celebrar a tua promoção e a assinatura do meu primeiro contrato, não achas?

Vicente – Com o Paco e a Cristina?

Júlia – Tens razão, mais vale celebrarmos sozinhos...

Ele pega na garrafa.

Vicente – De qualquer forma, não está à temperatura certa. Vamos bebê-la quando estivermos tranquilos os dois. Enquanto isso, vou pô-la no frigorífico. O champanhe é melhor bem fresco.

Ele sai com a garrafa de champanhe. Júlia começa a pôr a mesa.

Júlia – E quanto ao barco, em que ficou?

Vicente volta sem a garrafa.

Vicente – Já está, o Paco encontrou um. Uma pechincha no Milanuncios. Parece que é uma boa oportunidade...

Júlia – Como a adega de vinho... Quanto?

Vicente – Ainda não sei exatamente. Vai-nos dizer esta noite... O único problema é que, por enquanto, está atracado na Corunha. Vamos ter de arranjar um reboque...

Júlia – Um reboque?

Vicente – Para levá-lo até Gijón.

Júlia – Pensava que um barco... Para ir da Corunha até Gijón...

Vicente – Espera. É só um pequeno veleiro... E nós, por enquanto, somos marinheiros de água doce. Ainda não estou pronto para a Rota do Rum, sabes?

Júlia suspira.

Júlia – Genial... Mais um ano nas Astúrias, então... Com o Paco e a Cristina...

Uma pausa.

Vicente – É verdade que eu também gostaria de mudar de vez em quando. Mas as Astúrias têm as suas vantagens...

Júlia – Pelo menos não gastamos uma fortuna em creme solar...

Vicente – E além disso, não temos de pagar pela estadia.

Júlia – Sim...

Vicente – Imagina quanto nos custaria se tivéssemos de alugar uma casa na Costa Brava no verão.

Júlia – Bem, na realidade não é uma casa... Eu chamaria mais de cabana, não achas?

Vicente – Era a casa da avó dele...

Júlia – Sim... E nunca fizeram obras desde que a herdaram...

Uma pausa.

Vicente – Gijón... Foi lá que nos conhecemos... Tinhas dezasseis anos quando te conheci, com o Paco, naquela discoteca, lembras-te...?

Júlia – Na verdade, só tinha quinze. Mas o porteiro era primo da minha amiga...

Ele abraça-a por um momento.

Vicente – E fui eu que escolheste...

Júlia – Sim... Importas-te assim tanto com esse veleiro?

Vicente – É mais uma ideia do Paco. Parece que lhe dá tanta alegria...

Júlia – Se é para fazer o Paco feliz, então...

Vicente – Nunca nos pediram dinheiro pela casa... É uma forma de contribuir para as despesas das férias.

Júlia – E o que vou eu fazer enquanto vocês estão no veleiro? Conversar sobre moda com a Cristina?

Vicente – Aborreces-te assim tanto com ela?

Júlia – São muito simpáticos os dois, mas reconheçamos que...

Vicente – São um pouco ordinários.

Júlia – Quase somos amigos de infância, é verdade, mas... Não evoluímos na mesma direção. Com o tempo, isso nota-se... Ele é nadador-salvador, ela cabeleireira... Cada vez temos menos de que falar... De que falam vocês os dois, quando estão juntos, tu e o Paco?

Vicente (*incómodo*) – Bem...

Júlia – Eu, se quero conversar com uma cabeleireira, vou ao cabeleireiro. Ninguém vai de férias com a sua cabeleireira.

Vicente – Tens razão, estas pessoas não nos ajudam a avançar.

Júlia – É triste dizer isto, mas quando estás num balão de ar quente e queres subir, tens de largar o lastro.

Vicente – Um balão de ar quente?

Júlia – Um barco, se preferires. Quando queres ultrapassar uma fase, e o barco está sobrecarregado, tens de ter a coragem de sacrificar algum peso morto para continuar a descobrir novos continentes.

Vicente – Está claro... Mas o que queres dizer exatamente com isso?

Júlia – Os amigos, antes de mais nada, estão muito bem. Mas quando sentes que o barco está a afundar, tens de saber lançar os amigos pela borda para te maneres à tona. E eu, o Paco e a Cristina, já me têm até aqui, sabes.

O telemóvel de Júlia toca e ela responde à chamada.

Júlia (*muito amavelmente*) – Sim, Cristina? Está bem... Não, não, sem problema, estamos à vossa espera... Ah, sim? Estamos ansiosos por saber do que se trata... Até já, Cristina... (*Desliga o telemóvel*) Vão chegar um pouco tarde, mas já vêm. E têm uma boa notícia para nos dar.

Vicente – Genial...

Júlia – Uma boa notícia...

Vicente – O que achas que é uma boa notícia para eles?

Júlia – Terão trocado a máquina de lavar na cabana de Gijón.

Vicente – Ou terão instalado uma casa de banho dentro de casa.

Júlia – Isso já seria sonhar demasiado...

Ficam pensativos por um momento.

Vicente – Já te disse que o Gonzalo tem uma vila em Marbella?

Júlia – Marbella?

Vicente – Uma segunda residência, se preferires. Com piscina e tudo...

Júlia – A sério?

Vicente – Mesmo ao lado da do Julio Iglesias.

Júlia – Julio Iglesias? Não está morto?

Vicente – A Costa Brava está ultrapassada, sabes? É demasiado popular. No verão, estão todos em Marbella.

Júlia – Convidou-te?

Vicente – Não diretamente... Mas disse à minha frente que era o lugar ideal para se reunir com amigos no verão. Agora que nos tratamos por tu e ele me chama pelo nome...

Júlia – Claro, se não estivermos disponíveis, nem sequer nos vai propor... Ele sabe que passamos todos os verões nas Astúrias?

Vicente – De qualquer forma, não me vangloriei disso...

Júlia – Marbella... Está claro que soa muito mais tentador do que Gijón...

Vicente – Para o teu guião, seria perfeito. Todo o mundo do espetáculo está lá em agosto. Gente da televisão, do cinema...

Júlia – Isso é certo, não estão em Gijón...

Vicente – Não há um festival de cinema em Marbella?

Júlia – Sim. Acho que sim...

Vicente – O que é certo é que em Gijón não há nenhum...

Júlia – Há um festival da sidra... e um festival de bandas de gaitas. Não suporto música folclórica.

Vicente – Lamentavelmente, por enquanto, a menos que aconteça um milagre, será mais um ano em Gijón...

Júlia – E com a compra partilhada desse veleiro, ficamos atados para sempre.

Vicente – Sim...

Júlia – Não poderíamos encontrar uma maneira de fugir?

Vicente – São amigos, afinal... O que poderíamos dizer-lhes? Que íamos com vocês para as Astúrias como todos os anos, mas decidimos que não são suficientemente bons para nós? Vão ficar ofendidos...

Júlia – Posto assim, é claro que não iam perceber...

Vicente – Teríamos de encontrar uma maneira de nos desculpar... sem os magoar.

Júlia – Sim, mas não vai ser fácil. Há anos que passamos as férias juntos. E o Paco, que se meteu na compra de um veleiro contigo... Uma desculpa fraca não vai chegar.

Vicente – Precisamos de encontrar algo incontestável... Algo que não deixe margem para discussão...

Júlia – Bem, enquanto isso, vou tratar da cozinha para este jantar entre amigos...

Vicente – O que preparaste de bom?

Júlia – Eu, nada, mas a SaborFrío preparou... (*Olha para o pacote*) Rações de bacalhau gratinado com um puré rústico de batatas...

Vicente – Parece bom...

Júlia – É peixe panado com batatas esmagadas...

Ela sai. Vicente volta a concentrar-se no manual da adega de vinho. Toca a campainha. Ele vai abrir.

Vicente (*de fora*) – Olá, Cristina! E o Paco? Onde o deixaste?

Volta com Cristina, vestida de forma chamativa e com um certo mau gosto. Ela traz um ovo portátil (cuco) e uma bolsa.

Cristina – Ele está à procura de estacionamento. Cada vez é mais difícil estacionar no vosso bairro. Como viemos com a menina, pedi-lhe que me deixasse primeiro...

Vicente – Ótimo... Mas não me disseste que vinham com a Sabrina...

Cristina – A filha da vizinha devia ficar com ela, mas apanhou papeira.

Vicente – A filha da vizinha apanhou papeira?

Cristina – Não, a Sabrina...

Vicente, que estava prestes a acariciar a menina para lhe dar as boas-vindas, para com um gesto de surpresa.

Vicente – Papeira...?

Cristina – Bem, agora está a dormir, por sorte... Dei-lhe uma colher de xarope...

Vicente – Para a papeira...?

Cristina – Para que adormecesse! Com um pouco de sorte, vai-nos deixar tranquilos durante o jantar. Desde esta manhã que não para de chorar...

Vicente – Bem... Podes pô-la na adega, se quiseres.

Cristina – Na adega?

Vicente – Quero dizer, no quarto. Podes pô-la no quarto.

Cristina – Tens a certeza que estás bem?

Vicente – E... isso não é muito contagioso?

Cristina – Um pouco, sim... Mas já tiveste papeira, não?

Vicente – Não sei...

Cristina – Desculpa, esqueci-me de te perguntar... Porque a papeira, nos homens...

Vicente – O quê?

Cristina – Pode, às vezes, causar complicações.

Vicente – Que tipo de complicações?

Cristina – Problemas de esterilidade, por exemplo.

Ele mostra uma expressão preocupada. Ela solta uma gargalhada.

Cristina – Não, mas não tens de te preocupar... De certeza que já tiveste papeira em pequeno...

Vicente – Sim, de certeza...

Cristina – Vou esperar um pouco antes de a pôr no quarto... Prefiro ter a certeza de que não vai acordar... A Júlia não está?

Ela tira o casaco e deixa-o no sofá.

Vicente – Sim... sim, sim... Ela... está na cozinha...

Cristina – Tens estado um pouco estranho ultimamente... Há algum problema?

Vicente – Não... não, não... Bem...

Cristina – O quê?

Vicente hesita por um momento antes de se lançar.

Vicente – Olha, não queria dizer-te, mas... A Júlia também não está muito bem.

Cristina – Estás a assustar-me... Não é grave, pois não? Não a vai impedir de ir de férias connosco?

Vicente pega na carta do laboratório que está na mesa baixa.

Vicente – Ela acabou de descobrir que tem cancro...

Cristina – Cancro? Oh, meu Deus... A Júlia, cancro...

Vicente – Mas não vai morrer. Não é um cancro grave.

Cristina – Não grave? Um cancro?

Vicente – Bem, sim, mas...

Cristina – Ela esteve no cabeleireiro há apenas uma semana... Não me disse nada... Parecia estar ótima...

Vicente – Recebemos os resultados do laboratório hoje.

Cristina – Oh, merda... Mas que tipo de cancro é?

Vicente – Ainda não sabemos exatamente... Mas acho que é no pé.

Cristina – Cancro no pé?

Vicente – Bem, é como um calo no pé, mas potencialmente cancerígeno, percebes...?

Cristina – Ah, merda...

Vicente – Obviamente, isso muda todos os nossos planos. Especialmente os nossos planos de férias...

Cristina – Não sei o que dizer...

Vicente – Sobretudo, não lhe digas nada... A menos que seja ela a decidir contar-te primeiro...

Cristina – Claro... Já conheces a minha discrição... Se tivesse de repetir tudo o que ouço no meu salão de cabeleireiro, já sabes... Mas podem contar connosco para o que precisarem...

Vicente – Obrigado.

Cristina – Somos amigos, não é? Se não podes contar com os teus amigos quando passas por coisas destas...

Vicente – Sim, claro. Mas também não gostaríamos de...

Cristina – Além disso, o cancro, pelo menos, não é como a papeira, não é contagioso.

Vicente – Queres que te ajude a levar isto tudo para o quarto?

Vicente e Cristina saem. Júlia regressa com o necessário para o aperitivo. A campainha toca novamente. Ela sai um momento para abrir.

Júlia – Ah! Boa noite, Paco.

Paco – Olá, querida. Pareces surpreendida. Hoje era o jantar, não era?

Júlia – Sim, claro, entra...

Ela volta com Paco, de aspeto muito popular, com uma garrafa na mão.

Júlia – A Cristina não está contigo?

Paco – O casaco dela está aqui, devem estar no quarto a deitar a pequenita. Bom, espero que seja isso que estão a fazer. Porque não gosto de chegar a casa de um amigo e encontrá-lo no quarto com a minha mulher...

Ele ri um pouco alto.

Júlia – Trouxeram o bebé?

Paco – Pois resulta que tem sarampo. Ainda bem que não estás grávida...

Júlia – Ah, sim...

Paco – Eh, terias-nos dito, não é, se estivesses grávida?

Júlia – Vocês teriam sido os primeiros a saber...

Paco – Porque o sarampo para grávidas, dizem que... Bem, acho que é mais a papeira. Olha, trouxe uma garrafa de vinho.

Ele entrega-lhe a garrafa. Ela olha para o rótulo.

Júlia – Obrigada. É tinto ou branco?

Paco – É rosé. Podes pô-lo no frigorífico, bebe-se bem fresco.

Júlia – O Vicente vai adorar.

Paco – Porquê?

Júlia – Ele explica-te... A propósito, queria perguntar-te sobre o barco...

Paco – O Vicente contou-te? Já está, encontrei o nosso veleiro!

Júlia – Sim, ele contou-me, mas...

Paco – Sabes como se chama?

Júlia – Quem?

Paco – O barco! O nosso barco! Sabes como se chama?

Júlia – Não...

Paco – Amigos para sempre!

Júlia – Amigos para sempre?

Paco – É o nome do barco. Não é um sinal?

Júlia – Sim, claro, mas só queria...

Paco – O problema agora é que preciso de arranjar um reboque...

Júlia – Mas já pagaste?

Paco – Acabei de enviar o cheque. Também viemos por isso, porque não é barato. Se pudesse, teria adiantado o dinheiro, claro, mas agora... Se o Vicente pudesse fazer-me um cheque de metade, dava-me jeito...

Júlia – E isso vai ser complicado...

Paco – Como assim complicado? Já tinha falado com ele e...

Júlia – Quando?

Paco – Ontem mesmo.

Júlia – Pois não vais acreditar, mas... O Vicente acabou de descobrir hoje que foi despedido...

Paco – Despedido? Que merda!

Júlia – Estava com um contrato temporário e...

Paco – Mas ele tinha-me dito que tudo estava a correr bem... e que o chefe estava muito contente com ele.

Júlia – Portanto, o barco, claro, vai ser um pouco difícil...

Paco – Não, espera, isso não é problema. O barco resolvemos. Se tiver de o pagar sozinho... Ele devolve-me quando puder.

Júlia – Não é só o barco, infelizmente. Também são as férias...

Paco – As férias?

Júlia – As Astúrias... Percebes... Não vamos ter meios para...

Paco – Mas não vos custa nada! Convidamo-vos! E não é porque estás no desemprego que não tens direito a férias...

Júlia – Não, mas... O Vicente tem de ficar aqui, para... Para procurar outro trabalho, percebes?

Paco – Arranjará um depois das férias.

Júlia – Não, a sério... Não acho que seja uma boa ideia... Ele está tão ansioso por encontrar trabalho... Não seriam verdadeiras férias para ele, percebes? E além disso... Não vá haver uma inspeção do centro de emprego...

Paco – Ah, sim, é verdade... O centro de emprego... Que chatice...

Vicente regressa com Cristina.

Vicente – Olá, Paco, como estás?

Paco – Bem, estou bem... E tu, meu amigo?

Vicente (*um pouco surpreendido*) – Vai-se andando...

Dão um beijo.

Cristina – Olá, Júlia, como estás? Quero dizer... no trabalho.

Júlia – Tudo bem, tudo bem...

Dão um beijo.

Cristina – Conseguiram encontrar estacionamento?

Paco – Estacionei na zona de carga do supermercado aqui em baixo.

Cristina – Não nos vão multar?

Paco – Não acredito que haja muitas entregas. Faliu há um mês e despediram todos os empregados. Desculpa, Vicente, não digo por ti...

Vicente – Por mim...? (*Vendo a garrafa*) Ah, trouxeste vinho?

Paco – Pois claro, mandaste-me um SMS a perguntar se era tinto ou branco. Respondeu-te a Cristina, eu estava a conduzir. Na realidade, é rosé.

Vicente – Ah, merda, rosé...

Paco – Não gostam de rosé?

Cristina – Vá lá, Paco, toda a gente gosta de rosé!

Paco – Não, é só que... não sei bem a que temperatura se bebe...

Júlia – O Vicente comprou uma adega de vinho...

Paco – Ena, uma adega de vinho, que bom!

Júlia – Mas na sala vai atrapalhar, não achas? Por que não a colocamos na cave?

Vicente – Na cave?

Júlia – É uma adega, não é?

Vicente – Sim, tens razão...

Júlia – Vou pôr o rosé no frigorífico.

Paco – O rosé é melhor quando está fresco... Queres ajuda para movê-la?

Vicente – Está bem... Mas primeiro vou ver onde a posso pôr...

Paco – Vou contigo... Olha, como funciona essa adega de vinho?

Vicente – Olha, ainda estou na fase de testes, mas...

Saem.

Cristina – Sinto muito o que vos está a acontecer...

Júlia – O que nos está a acontecer?

Cristina – O Vicente contou-me sobre a má notícia...

Júlia – Ah, sim...

Cristina – Prometi não dizer nada até que tu me contasses, mas... Somos amigas, não somos?

Júlia – Sim.

Cristina – Para que servem os amigos se não podes contar com eles em momentos como este?

Júlia – Claro.

Cristina (*pegando-lhe na mão*) – E vais sair dessa, não vais?

Júlia – Eu?

Cristina – Tenho várias clientes no salão que passaram por isso... Geralmente, as mulheres não gostam de falar sobre isso. Mas já sabes, um salão de cabeleireiro é um pouco como um confessionário.

Júlia – Ah, sim...?

Cristina – Então diz-me, porque o Vicente não foi muito claro. Que tipo de...?

Júlia – De...?

Cristina – Se te custa falar sobre isso, eu entendo. Mas tenho a certeza de que te faria bem confiar-te a uma amiga...

Vicente e Paco regressam, interrompendo-as.

Vicente – Vamos deixá-la aqui por enquanto. Primeiro tenho de arranjar espaço na cave.

Paco – Mas o que se passa aqui? Que caras são essas? Parece que alguém morreu...

Cristina (*a Vicente*) – Ainda não lhe disseste?

Paco – A Cristina mencionou-me, mas... também não é assim tão grave, não é? Não morreu ninguém...

Cristina – Como assim, não é grave? Claro que vão superar isto. Hoje em dia já avançámos muito, mas... daí a dizer que não é grave...

Paco – Eu confio no meu Vicente. Ele sempre soube recuperar-se. Vai encontrar trabalho de novo.

Cristina – Trabalho? O Vicente?

Júlia (*a Vicente*) – Desculpa, mas preferi contar-lhes sobre o teu despedimento...

Vicente – Ah, já vejo...

Cristina – Como assim...? Além disso, o Vicente perdeu o trabalho?

Paco – Além de quê?

Cristina (*a Vicente*) – Desculpa, prometi não falar sobre isso...

Paco – Falar sobre o quê?

Cristina – A Júlia tem cancro.

Júlia fica atónita. Cristina começa a chorar. Paco consola-a. Vicente e Júlia sentem-se muito desconfortáveis.

Paco – Fogo... não...! Um cancro? Digam-me que não é verdade...

Vicente – Não, mas não se preocupem. Tudo vai correr bem. Só que para as férias...

Paco – Mas, que tipo de cancro é?

Júlia – É... um cancro de... Um cancro no pâncreas.

Cristina – O Vicente tinha-me dito que era um cancro no pé... Não me digas que já está a espalhar-se...

Júlia – Ainda estão a fazer mais exames...

Vicente – Dizem que na medicina chinesa, o pâncreas e o pé estão muito conectados.

Cristina – Olha, no salão penteio a esposa de um grande especialista em cancro. O Professor De La Vega. Normalmente, conseguir uma consulta com ele é mais difícil do que marcar um cabeleireiro, acredita. Mas a Victoria, a mulher dele, disse-me que se alguma vez precisasse, punha o meu dossiê no topo da pilha. Vou falar com ela...

Júlia – Não, não é preciso incomodar, a sério...

Cristina – Incomodar? Mas Júlia! Somos amigas, não somos?

Júlia – Sim, claro, mas...

Cristina – Esse homem, no hospital, é considerado como um deus. Dizem que faz milagres...

Paco – E quanto ao teu trabalho, Vicente... Vou pensar nisso... Na piscina passa muita gente também.

Vicente – Não sei se... Mas obrigado...

Paco – Enquanto isso, nada de desânimo. Vamos todos para as Astúrias este verão.

Cristina – O ar marinho vai-vos fazer bem aos dois.

Paco – E quanto ao barco, não te preocupes. Arranjamos isso... Agora também não é o melhor momento para nós, mas pronto... Posso sempre pedir outro pequeno crédito.

Vicente – Não sei o que dizer...

Paco – Espera, sabes como se chama o barco?

Vicente – Não?

Paco – Diz-lhe tu, Cristina.

Cristina – Amigos para toda a vida.

Paco – Na verdade, é *Amigos para sempre*, mas pronto... Já vês, está tudo bem... Não estão sozinhos!

Cristina – Acho que o bebé acordou... Ajuda-me, Paco? Estou tão abalada que nem sei se consigo fazê-lo sozinha...

Paco e Cristina saem.

Júlia – Um cancro...? Não te ocorreu nada melhor?

Vicente – Improvisei... Foi a primeira coisa que me veio à cabeça...

Júlia – Um cancro no pé?

Vicente – A propósito, o meu despedimento também não esteve mal...

Júlia – Achas?

Vicente – Uma pessoa pode curar-se de um cancro, mas e eu? O que lhes vou dizer depois das férias? Que fui readmitido?

Júlia – Está claro que devíamos ter combinado antes. Improvisar nunca é uma boa ideia...

Vicente – Com certeza... Agora não sei como vamos sair desta...

Júlia – Tens razão, nunca nos vão deixar em paz. São muito simpáticos, mas... sobretudo, são muito pegajosos...

Vicente – Como pensos rápidos... Achas que já os tiraste, mas percebes que ainda estão colados...

Júlia – Não é por nada que são asturianos...

Vicente – Temos de pensar em algo mais forte.

Júlia – Mais forte? Estás a assustar-me...

Paco e Cristina voltam.

Cristina – Já a trocámos, e acabou de voltar a adormecer.

Paco – Com um pouco de sorte, podemos ter uma boa noite. Quer dizer... dadas as circunstâncias. (*O telemóvel dele toca, ele atende*) Sim? Ah, olá Marco. Sim, sim, sim... Genial! Está bem, obrigado, estou-te a dever uma. OK, estou aqui com o Vicente. Está bem, falo contigo depois. Era o meu amigo Marco. O cunhado dele pode emprestar-nos o reboque para levar o barco. Tens bola?

Vicente – Bola?

Paco – No teu carro! Para engatar o reboque...

Vicente – Ah, sim... Bem, não...

Paco – Não faz mal. Vou pôr uma no meu carro. Assim que está, meu amigo! Temos o nosso veleiro!

Cristina – Acho que estas férias nas Astúrias nos vão fazer maravilhas a todos.

O telemóvel de Vicente toca e ele atende a chamada.

Vicente – Ah, Gonzalo... Não, não, de maneira nenhuma... (*Aos outros*) Desculpem-me um minuto...

Sai.

Júlia – É o Gonzalo, o chefe dele.

Paco – O chefe dele? O que o despediu?

Júlia – Sim, esse mesmo...

Cristina – E ainda o trata por Gonzalo?

Paco – O Vicente sempre foi demasiado simpático, esse é o problema dele, e há quem se aproveite disso...

Cristina – Demasiado bom, demasiado tolo.

Júlia – Estão a negociar as condições do despedimento...

Paco – Pensava que ele tinha um contrato temporário. Não deve haver muito a negociar, pois não?

Júlia – Não sei...

Cristina – Não, mas em que mundo vivemos, juro-te... Já é hora de chegarem as férias...

Júlia – Olha, quanto às férias, vai ser realmente complicado.

Cristina – Não se devem deixar afundar, Júlia. Acredita em mim, com o que vocês estão a passar, vão fazer-vos bem.

Júlia – Pois, é que... Iremos os dois juntos... Isso é que não vai ser possível...

Paco – E isso porquê?

Júlia – Bem, porque... vamos divorciar-nos.

Cristina – O quê?

Paco – Não pode ser...

Cristina – Diz-me que não é verdade...

Paco – Não vocês...

Cristina – Não agora, com tudo o que estão a passar.

Paco – Deviam apoiar-se um no outro, não separar-se!

Júlia – Na verdade, já andávamos a pensar nisso há algum tempo. Quero dizer... Muito antes de nos darmos conta desta avalanche de más notícias. E foi aí que percebemos que este casamento... realmente não nos estava a trazer sorte...

Desta vez é o Paco que começa a chorar. Cristina consola-o. Vicente regressa.

Vicente – O que aconteceu?

Júlia – Acabei de lhes contar... sobre o nosso divórcio...

Vicente – Ah, claro... Fizeste bem...

Vicente parece um pouco abalado.

Paco – Lamento muito, não costumo chorar assim à frente das pessoas. Mas para nós, vocês eram um modelo. Vicente e Júlia, era... não sei, uma coisa...

Cristina – Vicente e Júlia.

Paco – Exato. Quando dizias Vicente e Júlia, bem...

Cristina – Não era preciso acrescentar mais nada.

Paco – Era Vicente e Júlia, percebes?

Cristina – E já pensaram bem?

Vicente – Vamos deixar passar o verão. Dar-nos um tempo para pensar, cada um por si.

Júlia – Separadamente.

Vicente – Então, entendem que para as férias...

Júlia – Não podemos passá-las juntos em Gijón.

Cristina – Entendo, claro...

Paco – De qualquer forma, não pensamos escolher entre os dois, pois não, Cristina?

Cristina – Claro que não.

Paco – Continuam a ser nossos amigos. E serão sempre bem-vindos na nossa casa.

Cristina – E quanto às Astúrias, bem... Podiam vir por turnos!

Paco – Sim, claro... Assim podíamos desfrutar do barco na mesma!

Cristina – E dessa forma, estariam até menos tempo cada um... Com os problemas que têm...

Paco – O Vicente podia vir na primeira quinzena de agosto, e a Júlia na segunda...

Júlia – É muito simpático, mas não sei se... O que achas, Vicente?

Vicente – Não sei o que dizer...

Cristina – Bem, não digam nada...

Paco – Mesmo assim, isto deu-me um choque...

Cristina – Sim, a mim também.

Paco e Cristina começam a chorar ao mesmo tempo. Vicente e Júlia estão completamente desarmados.

Cristina – Pensar que fomos os vossos padrinhos de casamento, e agora...

Júlia – Vou tratar um pouco da cozinha. Não nos vamos afundar... Vicente, serves-lhes um aperitivo?

Júlia sai.

Cristina – Olha, Vicente, sempre te apoiei, mas isto... Não podes fazer isto! Não com tudo o que está a acontecer agora.

Vicente – Ouve, foi ela que...

Cristina – Está bem, a Júlia nem sempre foi... exemplar. Mas ela gosta de ti, e isso é o que importa.

Vicente – Como assim, não exemplar?

Cristina – Não, quero dizer... Todos temos os nossos defeitos. Ela também. Mas lembra-te, quando foste operado às amígdalas? Ela ia ver-te todos os dias ao hospital...

Vicente – Foram às hemorróidas...

Paco – Bem, o que ela tem é muito mais grave do que umas hemorróidas, acredita.

Cristina – Certo, a medicina avançou, mas nunca se sabe.

Paco – Em três ou seis meses, podias ficar viúvo. Então, para quê precipitar-se?

Cristina lança um olhar de desconcerto a Paco.

Cristina – Eu não teria dito assim, mas também acho que este divórcio... não é realmente a prioridade agora, pois não?

Júlia regressa.

Júlia – Tudo estará pronto em cinco minutos. Vicente, ocupas-te do vinho? Vou servir-vos uma bebida, já que tu não o fizeste...

Vicente sai.

Paco – Ouve, Cristina, acho que estão a cometer o maior erro das vossas vidas.

Júlia – Achas?

Paco – Certo, o Vicente pode ter tido alguns deslizes com o contrato matrimonial de vez em quando...

Júlia – Ah sim? Sabes de algo?

Paco – Não especialmente... Mas ele é um homem, não é? Eu também, na piscina, às vezes... tenho tentações...

Cristina – Ah, sim?

Paco – De qualquer forma, é evidente que o Vicente te adora.

Júlia – Eu sei, mas...

Cristina – Mas o quê?

Júlia – Conheci alguém, é só isso!

Cristina – Tu? Conheceste alguém?

Júlia – O que se passa? É assim tão incrível?

Cristina – Não, não, de todo, mas...

Júlia – O Vicente não queria ter filhos. E eu, bem... já não tenho vinte anos.

Paco – Como assim, não queria filhos? O Vicente nunca me disse que não queria ter filhos. Mas já sabes como são os homens. Eu também, se a Cristina não tivesse insistido um pouco...

Cristina – Insistido um pouco?

Paco – Quero dizer que para nós ter filhos não é uma necessidade tão imperiosa. Mas uma vez que estão aqui, adoramo-los, claro.

Ouvem-se os choros do bebé.

Cristina – Fico feliz por saber que te obriguei... Não queres também acusar-me de violação?

Paco – Só estou a tentar resolver as coisas, Cristina! Não sei, talvez o Vicente pensasse que não era o momento certo... E entre nós, talvez ele não estivesse completamente errado...

Cristina – Pelo cancro da Júlia? Que não era o momento certo? Isso é monstruoso o que estás a dizer!

Paco – Pelo despedimento do Vicente! Mas tenho a certeza de que, no fundo, ele quer ter filhos contigo.

Júlia – Acredito que não, Paco... Além disso, não é só que ele não queira... Ele não pode...

Cristina – Queres dizer que... o Vicente não pode ter filhos?

Júlia – Não, claro que pode... mas não pode tê-los comigo.

Paco – E isso porquê?

Júlia – Porque... porque ele acabou de me confessar que é homossexual.

Cristina – Não...?

Vicente regressa, com um avental feminino atado à cintura.

Vicente – Talvez devêssemos ir diretamente para a mesa, não acham?

Cristina – Queres que te ajude?

Vicente – Não, não, fiquem sentados. A Júlia vai ajudar-me...

Vicente e Júlia saem.

Cristina – Ah, agora já percebo melhor...

Paco – Ah, sim?

Cristina – O divórcio. Percebo que a Júlia tenha querido procurar noutro lugar...

Paco – Pois claro...

Cristina – Francamente, tenho a impressão de que estou a descobrir os dois esta noite... E isso que já nos conhecemos há anos...

Paco – É uma loucura. Achas que conheces as pessoas e depois...

Cristina – E tu não tinhas reparado em nada?

Paco – Reparar no quê?

Cristina – Que ele era gay!

Paco – Como é que eu ia reparar numa coisa dessas?

Cristina – Não sei... Passam muito tempo juntos, os dois... Sobretudo nas férias...

Paco – E então?

Cristina – Quando saem durante horas para o mar. No barco...

Paco – Mas estás maluca ou quê?

Cristina – A verdade é que sempre notei um ar um pouco afeminado nele, mas pronto...

Paco – Afeminado? Eu nunca notei nada. Mas agora que sei, é verdade que ir sozinho navegar com ele...

Cristina – Coitadinhos...

Paco – Dás-te conta?

Cristina – Um despedimento, um cancro, um divórcio. E agora uma saída do armário...

Paco – A lei das séries... Os problemas nunca vêm sozinhos...

Cristina – Pergunto-me se descobrir que o Vicente é gay não me perturba mais do que o cancro da Júlia.

Paco – Pois é... Quando tens cancro, às vezes podes curar-te. Mas quando és gay...

Paco atira uma pilha de papéis.

Paco – Olha, aqui estão os resultados das análises dela, precisamente...

Cristina – Deixa-me ver.

Paco – Mesmo assim...

Cristina – Se tiver de falar com a esposa do Professor De La Vega...

Paco – Tens razão.

Paco entrega-lhe o papel e ela lê rapidamente.

Cristina – Não entendo.

Paco – É normal, o jargão dos médicos, nunca se percebe nada. Parece que o fazem de propósito.

Cristina – Não, quero dizer...

Paco – É assim tão grave?

Cristina – Dizem que está tudo normal!

Paco – Normal?

Cristina – Está escrito aqui, preto no branco! Não tem nada!

Paco – Não pode ser... Deixa-me ver...

Cristina – Olha!

Ela dá-lhe a folha e ele lê rapidamente.

Paco – Mas, o que significa isto?

O telefone fixo toca. Após dois toques, ouve-se uma mensagem do interlocutor.

Gonzalo (off) – Sim, sou o Gonzalo, ouve, para redigir o teu contrato sem termo, preciso de alguns dados complementares. Liga-me quando puderes... E sobre Marbella, é uma pena, mas pronto. Como me disseste que ias passar agosto nas Astúrias... Talvez para o próximo ano...

Paco e Cristina trocam olhares atónitos.

Paco – Brincaram connosco... Mas porquê? Não é o Dia das Mentiras, pois não?

Cristina – Porquê? Não sei... Talvez não sejamos suficientemente bons para eles...

Paco – O quê?

Cristina – Querem livrar-se de nós, é isso! Já não querem ir de férias connosco, mas não têm coragem de o dizer na cara, e é o único plano que lhes ocorreu.

Paco – Não? Não pode ser... E o barco?

Cristina – Não querem saber do teu barco! Não percebes?

Uma pausa.

Paco – Sim, acho que estou a começar a perceber... Demorou um pouco, mas agora acho que me está a chegar ao cérebro...

Cristina – É realmente patético... O cancro, o despedimento, o divórcio, tudo era uma farsa.

Paco – Então, o Vicente também não é gay?

Cristina – Brincaram connosco, estou-te a dizer.

Paco – Pois olha, estou muito desiludido...

Vicente e Júlia regressam com um prato e outras iguarias que colocam na mesa.

Júlia – E aqui está... Vamos jantar!

Sentam-se em silêncio. O desconforto é palpável.

Vicente – Não deixem que isso vos tire o apetite.

Vicente enche os copos.

Vicente – Vamos, saúde! Bem, quer dizer...

Bebem.

Júlia – Não está mau...

Vicente – Sim, está exatamente à temperatura certa.

Júlia – Estão bem? Não dizem nada...

Paco – É que... Ainda estamos em choque...

Cristina – Sim, desculpa muito, Vicente. Se tivéssemos sabido...

Vicente – Sobre... o meu despedimento, queres dizer?

Cristina – Sim, também, mas sobretudo...

Paco – Se soubéssemos que eras gay.

Vicente (*afetado*) – Ah, claro...

Cristina – A Júlia contou-nos tudo.

Paco – Eu sei, costumo fazer piadas parvas sobre isso. Mas sabes que, no fundo... Quer dizer, no fundo do meu coração... Bem... Eu não sou assim, sabes?

Vicente – Queres dizer... que não és gay...

Paco – Que não sou homofóbico!

Vicente lança um olhar perplexo para Júlia.

Vicente – Claro...

Cristina – De qualquer forma, sejas gay ou não, serás sempre nosso amigo, Vicente.

Paco – Porque nós não julgamos os nossos amigos por detalhes como esses, pois não, Cristina? O que importa na amizade é a lealdade, percebes?

Júlia – Claro...

Cristina – Saber que podes contar com os teus amigos em caso de problemas, é isso que importa.

Paco – O resto... E entre amigos, devemos poder dizer-nos tudo, não é? Não precisamos de nos mentir...

Vicente – Isso é certo.

Cristina – Então, nós aceitamos-te tal como és, Vicente.

Paco – E se quiseres continuar a partilhar comigo bons momentos nesse veleiro, como fazíamos antes no nosso patim... Bem, estou disposto.

Vicente – Obrigado, eu... estou muito comovido... Mas não sei se...

Júlia – Mas comam, por favor! Vai arrefecer...

Começam a comer em silêncio.

Júlia – E qual era a vossa surpresa?

Cristina – Que surpresa?

Júlia – Falaste-me de uma surpresa ao telefone...

Paco – Ah, sim, isso...

Cristina – Oh, agora já não importa muito.

Paco – Dizemos de qualquer forma?

Cristina – Tu decides...

Paco – Quase que temos vergonha de vos dizer. Com tudo o que estão a passar...

Cristina olha para ele surpreendida.

Júlia – Vá lá, contem-nos.

Paco – A Cristina tinha uma senhora idosa como cliente no salão de cabeleireiro.

Cristina – Vinha pentear-se todos os sábados de manhã, à primeira hora.

Paco – Alguém muito sozinho. Não tinha família. Só um poodle...

Cristina – Madalena.

Vicente – Que nome para um caniche...

Paco – Não, a senhora chamava-se Madalena.

Júlia – Claro...

Cristina – Cuidava muito bem da Madalena. Queria sempre que fosse eu a penteá-la. Fazia-lhe companhia, ouvia as suas histórias, e contava-lhe as minhas. Gostava muito de mim. Dizia sempre que não se esqueceria de mim quando morresse. Pensei que eram só palavras.

Paco – Ou que nos deixaria uma lembrança, uma joia, umas centenas de euros...

Cristina – Faleceu há um mês. Não tinha herdeiros. O notário ligou-nos ontem.

Paco – Nomeou a Cristina sua herdeira universal.

Cristina lança um olhar surpreendido a Paco, mas não demonstra surpresa aos outros dois.

Júlia – É incrível esta história!

Vicente – Quanto?

Cristina – Ainda não sabemos exatamente, mas o notário falou de uma vila em Marbella. Com piscina e tudo.

Paco – Sentimo-nos como se tivéssemos ganho a lotaria... Imagina só! Um nadador-salvador a herdar uma piscina!

Vicente – Claro, é... É como... um mineiro herdar uma mina. Quer dizer, uma mina de ouro, claro...

Júlia – É uma loucura! Mas não parecem muito contentes... Eu, não sei... Se me acontecesse algo assim...

Cristina – Agora que sabemos pelo que vocês estão a passar... Estraga-nos um pouco a celebração...

Paco – E também não queremos ficar demasiado empolgados muito cedo... Estamos à espera de ter todos os detalhes.

Cristina – Mas, conseguem imaginar? Nós, milionários! Nós?

Paco – Paco e Cristina, donos de uma vila em Marbella!

Cristina – Em Marbella? Estão a ver?

Paco – Não, de certeza que há aí alguma armadilha.

Vicente – Como assim, armadilha?

Paco – Às vezes, nas heranças...

Vicente – O quê?

Paco – Às vezes também há dívidas... Achas que ficas rico e, no fim, acabas com uma fila de credores atrás de ti.

Cristina – Tem de se pensar bem antes de aceitar este tipo de coisas.

Júlia – Não me digam que rejeitaram a herança, pois não?

Cristina – Pedimos que nos dessem o estado exato da herança.

Paco – Chamam-lhe aceitar a herança sob benefício de inventário. O notário deve voltar a ligar-nos.

Cristina – Mas se, no fim, for verdade... Que pena não poderem aproveitar connosco...

Júlia – Pois é...

Vicente – Mas não estão a comer nada! Força!

Cristina – Está muito bom, mas com tantas emoções... Perde-se o apetite, sabes?

Paco – Importam-se se formos fumar um cigarro à varanda?

Júlia – Não, podem fumar aqui.

Cristina – Não vamos obrigar-te a respirar o nosso fumo cancerígeno...

Paco e Cristina saem. Vicente e Júlia ficam desconfortáveis.

Júlia – É incrível esta história da herança...

Vicente – Pois é... Que lhes tenha acontecido a eles...

Júlia – Paco e Cristina.

Vicente – Sim... Custa-me imaginá-los os dois numa vila em Marbella.

Júlia – É um pouco como aqueles que ganham a lotaria e se tornam milionários da noite para o dia. Quando não estás preparado...

Vicente – É curioso, a mim se me acontecesse... Sinto-me perfeitamente capaz de lidar com isso.

Júlia – Sim, eu também...

Vicente – Que ironia, como o acaso pode ser tão injusto...

Silêncio.

Júlia – Embora seja verdade que eles são muito simpáticos...

Vicente – Viste a reação deles quando lhes contámos sobre o teu cancro e o meu despedimento?

Júlia – Sem mencionar o nosso divórcio...

Vicente – E a minha homossexualidade... Sabes? Pensava que o Paco era um horrível homofóbico... Mas afinal, estava disposto a aceitar-me tal como sou.

Júlia – Espera, lembro-te que não és realmente gay, pois não? Ou perdi algum episódio?

Paco e Cristina regressam com um sorriso nos lábios.

Paco – Na verdade, não fomos só fumar...

Vicente – Ah não?

Cristina – Aproveitámos para fazer umas chamadas e temos boas notícias para vocês.

Júlia – Ah sim?

Cristina – Já tens consulta marcada com o Professor De La Vega para a semana. Na quinta-feira, às 10 da manhã.

Júlia – Não sei o que dizer...

Paco – Eu liguei ao meu chefe da piscina.

Vicente – Da piscina?

Paco – Se realmente herdarmos da senhora, serei nadador-salvador só para os meus amigos na minha própria piscina, em Marbella.

Cristina – Adeus, Astúrias!

Paco – Então, se te interessar substituir-me...

Vicente – Substituir-te?

Paco – Obviamente vão precisar de outro nadador-salvador na piscina.

Vicente – Mas eu não sei se...

Paco – Ser nadador-salvador não é assim tão difícil. Sabes nadar?

Vicente – Sim...

Paco – Pronto, já está, estás contratado!

Vicente – Não sei o que dizer...

Cristina – Pois não digas nada.

Paco – Somos amigos, não é?

Cristina – Se estivéssemos na vossa situação, fariam o mesmo por nós, não é verdade?

Vicente – Sim, claro...

Ouvem-se os choros do bebé.

Cristina – Desculpem um momento.

Paco – Vou contigo.

Paco e Cristina saem. Vicente e Júlia trocam um olhar desconfortável.

Vicente – Pergunto-me se todas estas mentiras foram uma boa ideia...

Júlia – Sim, não sei como vamos sair desta.

Silêncio.

Vicente – Tudo o que estão a fazer por nós... Começo a sentir-me culpado...

Júlia – É verdade que... Não imaginava isto deles...

Vicente – Amigos assim não vamos encontrar outra vez.

Júlia – Refere-te... a amigos com uma vila em Marbella...

Vicente – Também, sim...

Silêncio.

Júlia – Achas que ainda podemos resolver isto?

Vicente – Não vai ser fácil.

Júlia – Pois é...

Vicente – Só terias de curar-te do teu cancro antes do final da noite, eu teria de encontrar trabalho, decidirmos continuar juntos...

Júlia – E tu terias de mudar de orientação sexual.

Paco e Cristina regressam, rindo às gargalhadas.

Paco – Pronto, desta vez é certo!

Vicente – Estás a referir-te ao meu posto de nadador-salvador?

Paco – O notário acabou de nos ligar. Está tudo em ordem. Nem uma única dívida no banco.

Cristina – Na verdade, é exatamente o contrário... As contas da Madalena estão a abarrotar! Está tudo cheio!

Paco – E sabes o que mais? Também herdámos um iate que está neste momento no porto de Marbella.

Cristina – Acredita, Júlia, quando ouvi isso, quase desmaiei...

Paco – Adeus ao barquinho em segunda mão... E este, acredita, não vai precisar de reboque. Vem com toda a tripulação!

Vicente – Não...

Paco – E sabes como se chama?

Vicente – Os amigos para a vida toda?

Paco – Não, este chama-se *Eu primeiro*...

Júlia – Incrível...

Vicente – Sim, estamos muito felizes por vocês.

De repente, os sorrisos de Paco e Cristina congelam.

Paco – Desculpa... Com a emoção... Esquecemos por um momento a desgraça que vos atingiu...

Cristina – Que pena não poderem aproveitar tudo isto connosco...

Vicente – Pois é...

Paco – Com o vosso divórcio.

Júlia – Pois não...

Vicente e Júlia trocam olhares e é Vicente quem toma a palavra.

Vicente – Não, mas na verdade, também estivemos a refletir sobre o que vocês nos disseram antes.

Júlia – Temos de ouvir os conselhos dos amigos, não é?

Vicente – Têm razão. Não vamos divorciar-nos.

Paco – Como? Pensava que eras gay...

Vicente – Disso também já não tenho tanta certeza...

Paco – Vejam só...

Cristina – Mas então... Estão disponíveis este verão? Ai não, que parvoíce... Claro... Com o teu cancro no pé...

Paco – Não era no fígado?

Júlia – No pâncreas.

Cristina – Pois, no pâncreas. Dizem que não é dos melhores, segundo se ouve...

Vicente – Às vezes cura-se.

Cristina – Pois, o Professor De La Vega faz milagres, mas é preciso ser realista.

Paco – Também não vos queremos dar falsas esperanças.

Cristina – Não, para as férias em Marbella, é melhor chamarmos o Manolo e a Lola, não é, Paco?

Júlia – Ou talvez devêssemos esperar um pouco, caso haja algum erro no diagnóstico... Nunca se sabe...

Paco – Vejam só... Isto é incrível... Parece que agora se arrependem de não irem de férias com os vossos velhos amigos, não é, Cristina?

Cristina – Talvez porque agora somos milionários e temos uma vila em Marbella?

Paco – É verdade que não é a mesma coisa que ir com dois desgraçados para a casinha deles em Gijón...

Vicente e Júlia trocam um olhar de pânico.

Vicente – Não, não, não é isso...

Júlia – É só que...

Cristina – Não se preocupem, sabemos sobre o teu suposto cancro e o teu despedimento...

Paco – Só nos falta confirmar se o Vicente é realmente um maricas ou não.

Vicente – Mas juro-vos que...

Júlia – Não, de todo, a sério... Foi um terrível mal-entendido...

Cristina – Por acaso encontrámos os teus resultados médicos.

Paco – E o teu chefe deixou uma mensagem sobre o teu contrato sem termo... Aliás, tens de lhe ligar...

Cristina – Divertiram-se bem à nossa custa, não foi?

Paco – Então não somos bons o suficiente para vocês, é isso?

Cristina – Bem, isso era antes. Antes de ganharmos o prémio grande!

Vicente – Lamentamos imenso...

Cristina – Vamos, Paco, vamos embora.

Júlia – Não, não podem ir-se assim!

Paco – Vais buscar a pequena?

Cristina prepara-se para sair.

Júlia – Está bem... Pronto, é verdade, passámos dos limites.

Vicente – Já não conseguíamos aguentar mais Gijón. É compreensível, não?

Júlia – Vocês nasceram lá, mas nós não somos asturianos.

Vicente – Quando voltamos no final de agosto, estamos tão pálidos que as pessoas acham que vamos de férias em setembro.

Júlia – No início, só queríamos uma desculpa para não ir.

Vicente – Sem vos ofender, porque vocês são verdadeiros amigos.

Júlia – Depois as coisas complicaram-se...

Vicente – E é verdade que as coisas saíram um pouco de controlo.

Júlia – Tudo começou com o barco. Ficámos com medo de nos comprometer durante anos.

Vicente – Não queria dizer-te isto, mas só de pensar nisso, dá-me vontade de vomitar.

Paco – Obrigado...

Vicente – Não, o que quero dizer é que... No barco, enjoou-me.

Paco (*irónico*) – E achas que num iate de trinta metros te enjoarias menos, é isso?

Júlia – Mas não nos interessa o iate, juro-vos!

Vicente – O que não queremos é perder-vos como amigos, entendem?

Júlia – E além disso, um iate balança muito menos do que um pequeno veleiro, não? Quero dizer, em relação ao enjoo...

Cristina – Estamos muito desiludidos... Pensava que éramos verdadeiros amigos.

Paco – Amigos para sempre, vê só...

Cristina – Não estivemos sempre lá para vocês quando tinham problemas...?

Júlia – Sim, claro, mas...

Um momento.

Vicente – Nós também.

Paco – O quê?

Júlia – É verdade, nós também sempre vos apoiámos.

Vicente – Por exemplo, quando as coisas não estavam a correr bem no vosso casamento.

Júlia – Quando a Cristina queria tentar a sorte com o colega do salão de cabeleireiro. Antes de perceber que ele também era gay.

Vicente – Também?

Paco – Que história é esta?

Cristina – Obrigada, Júlia, és mesmo uma boa amiga.

Paco – Mas que história é esta?

Cristina – Não te preocupes, eu explico-te... Não vês que estão a tentar semear a discórdia entre nós para se livrarem do problema?

Júlia – Desculpa... Não era essa a minha intenção...

Cristina – Sempre aí para nos ajudar, pois sim! Estavam aqui era para umas férias grátis, isso sim.

Paco – Por que haveriam de querer procurar algo mais? Nunca vos pedimos que contribuíssem para as despesas da casa, pois não?

Júlia – Pelo menos, para as compras pagávamos a meias...

Cristina – E agora, de repente, dão-se conta de que nas Astúrias não se bronzeia muito.

Paco – Talvez vos tenham oferecido algo melhor noutra sítio, quem sabe...

Cristina – Em Marbella...

Paco – É isso?

Júlia – Não, de todo.

Paco – Ou foi quando te pedi que pagasses metade do barco que mudaste de opinião...?

Vicente – Acredita, não foi isso, é só que...

Paco – Vamos, Cristina, é melhor irmos embora... Se não, corro o risco de dar um soco na cara deste maricas.

Vicente – Por favor... Pelo menos evitemos os comentários homofóbicos.

Júlia – Por favor, sentem-se. Não podemos separar-nos assim, por um mal-entendido. Olhem, acabei de pôr uma garrafa de champanhe no frigorífico, especialmente para vocês...

Júlia apressa-se a ir buscar o champanhe.

Vicente – Não vamos desperdiçar este champanhe... Vamos lá! Pelos bons momentos que passámos juntos. Depois, se quiserem, podem ir-se embora.

Paco e Cristina sentam-se de má vontade. Júlia regressa com a garrafa. Vicente tira os copos. Silêncio. Ele abre a garrafa e enche os copos.

Paco – Pronto, vamos beber o vosso espumante. Mas isso não nos vai impedir de vos dizer o que pensamos de vocês, ok?

Cristina – É verdade, quem pensam que são?

Paco – Acham-se mesmo superiores a nós?

Cristina – Porque têm... uma cave de vinhos?

Paco (*irónico*) – Uma cave de vinhos...

Vicente – Pronto, já chega...

Cristina – Porque o Vicente trabalha em informática?

Vicente – Em marketing web.

Paco – E porque a Júlia se acha escritora?

Júlia – Escrever é a minha vida, percebem? E para ter sucesso neste meio, tens de conhecer pessoas... Por isso é que queria... enfim... mudar um pouco de ambiente...

Cristina – Mudar de ambiente...? Estamos a impedir-te de respirar ou quê?

Júlia – Desculpa, não era isso que queria dizer...

Vicente – O meu trabalho também é importante para mim. Tenho ambição, admito... E é verdade que... talvez isso me tenha feito esquecer por um momento onde estão os verdadeiros valores... Como a amizade... não é, Júlia?

Paco – Sempre tiveste inveja de mim, essa é a verdade.

Vicente – Eu, inveja de ti? Não exageres... Por que razão iria eu ter inveja de ti? Quer dizer, antes de vos calhar essa herança...

Paco – Ah, sim, claro... Como é que o grande Vicente, a quem acabaram de oferecer um contrato sem termo na sua empresa de marketing telefónico, iria ter inveja de um simples nadador-salvador?

Vicente – Na verdade, é marketing web... Mas pronto, sim, por que iria eu ter inveja de ti?

Paco – Não sei, talvez porque saí com a tua mulher antes de ti?

Vicente – O quê?

Júlia baixa a cabeça, mas não nega.

Paco – Não sabias?

Cristina – Eu também não...

Júlia – Não, mas foi só uma história de uma noite.

Vicente – Que noite?

Júlia – Naquela famosa discoteca onde saímos juntos pela primeira vez.

Vicente – Conhecemo-nos nessa mesma tarde. Fui eu quem te convidou para esse lugar!

Júlia – Sim, bem... O Paco chegou primeiro. Eu ainda não usava lentes de contacto naquela altura. Não tinha os óculos e...

Vicente – E então?

Júlia – Estava escuro naquela discoteca. Pareciam-se um pouco. Confundi-o contigo...

Vicente – Achas mesmo que nos parecemos?

Júlia – Naquela época, pareciam-se. E além disso, não tinha os óculos, estou a dizer-te... Já estava um pouco bêbada. Mas assim que chegaste, percebi logo o meu erro...

Vicente – Obrigado... Isso comove-me muito.

Júlia – De qualquer forma, casei-me contigo, não foi?

Vicente – Sim... Espero que estivesses a usar lentes de contacto no dia em que disseste que sim...

Cristina – Então saíste com a Júlia...

Paco – Ainda não te conhecia!

Júlia – Foi só um mal-entendido, acredita...

Vicente – Conhecia as mulheres que traem o namorado, mas as que se enganam no namorado...

Júlia – Mas espera, isso foi antes de estar contigo!

Vicente – Foi na mesma noite! Saíste com dois rapazes na mesma noite!

Júlia – Mas pensava que eras tu! O rapaz que tinha conhecido nessa mesma tarde, por quem me apaixonei imediatamente. Claro, quando o Paco começou a falar comigo depois, percebi logo que ele não tinha inventado a pólvora.

Cristina – Depois? Depois de quê?

Júlia – Foi só ao sair do carro dele, quando te vi no parque de estacionamento, que percebi o meu erro...

Vicente – Ao sair do carro dele? Ah, claro... E pensar que eu tive de esperar um mês para que me concedesses os teus favores...

Júlia – Vá lá, chama-me cabra também, não?

Júlia começa a chorar.

Paco – Desculpa, não queria...

Cristina – Talvez seja melhor irmos embora...

Júlia – Pelo menos terminem o vosso peixe...

Voltam a sentar-se à mesa e comem em silêncio.

Vicente – Rações de bacalhau gratinado com um puré rústico de batatas.

Júlia – É peixe panado com batatas esmagadas.

Cristina – De qualquer forma, está muito bom.

Paco – E combina muito bem com o champanhe.

Vicente – Sirvo-vos mais...

Ambiente gelado. Vicente volta a encher os copos e levanta o seu.

Vicente – À vossa nova fortuna! Ganharam-na...

Paco – Ganhar... não exageremos. É só uma herança que nos caiu milagrosamente...

Júlia – Eu não acredito em milagres. Algo de bom terão feito para merecer. Aquela senhora idosa que vos incluiu no testamento deve ter visto que a Cristina era uma boa pessoa...

Silêncio.

Paco – Pois... Mas agora que somos milionários, como vamos saber se realmente são nossos amigos e não uns aproveitadores?

Cristina – Vou ver se está tudo bem ao lado...

Sai. Continuam a comer. O telemóvel de Paco toca. Ele atende.

Paco – Sim...? Sim...? A sério...? Está bem... Obrigado por nos ligares...

Cristina regressa. Paco guarda o telemóvel.

Cristina – Está a dormir... O que aconteceu?

Paco (*abatido*) – Houve um deslizamento de terras em Gijón.

Cristina – E então...?

Paco – A casa... Foi engolida pelo mar.

Vicente – Estás a brincar?

Paco – Não...

Cristina – Oh, meu Deus...

Paco – As férias foram por água abaixo...

Júlia – Literalmente...

Ri nervosamente. Paco e Cristina olham para ela de forma fulminante.

Vicente – Mas agora, com a herança que receberam... Tem menos importância essa velha casa em Gijón, não?

Paco – Essa velha casa? Era a casa da minha avó...!

Júlia – Mas vá lá... Nem sequer tinha casa de banho dentro... Agora que são proprietários de uma vila com piscina em Marbella...

Vicente – Imagino que lá as casas de banho estejam dentro de casa...

Paco e Cristina parecem desfeitos.

Cristina – Em Marbella...

Paco – Não me digam que acreditaram nessa tretina...

Júlia – O quê?

Paco – Também vos pregámos uma partida!

Cristina – Não somos guionistas, mas já vês, também sabemos inventar histórias...

Vicente – Então, já não são milionários...? Quer dizer... nunca foram?

Cristina – Pois não, já vês, continuamos uns desgraçados...

Paco – E agora, além disso, não temos onde passar férias com a pequena este verão.

Júlia – Então a tua cliente do cabeleireiro não morreu?

Cristina – Sim...

Paco – E também é verdade que não nos esqueceu no testamento.

Cristina – Deixou-nos o caniche...

Paco – Só o gasto de cabeleireiro desse cão vai custar-nos mais do que a dona gastava no salão.

Cristina – E pensar que ainda não tínhamos acabado de pagar as obras...

Júlia – Que obras?

Cristina – Ah, não vos dissemos? Instalámos a casa de banho dentro de casa.

Paco – E agora tudo foi engolido pelo oceano. Como se Deus tivesse puxado o autoclismo...

Vicente – É verdade que a casa estava bastante perto do mar, mas nunca teria imaginado isto.

Paco – Com as alterações climáticas...

Vicente – Mas estão segurados, certo?

Cristina – Não pagámos a apólice. Para poder pagar o barco...

Ouvem-se os choros do bebé.

Cristina – Eu trato disto...

Paco – Eu ajudo-te.

Saem.

Júlia – Pelo menos isso resolve definitivamente o problema das férias nas Astúrias...

Vicente – Pois, porque com essa criança que não para de chorar, imagina as noites que teríamos passado lá.

Júlia – Não teriam sido umas férias, isso é certo.

Vicente – Mas olha... Se o deslizamento de terras tivesse acontecido três horas antes, teríamos evitado tudo isto...

Júlia – Não, mas não os podemos deixar assim...

Vicente – Achas? Confesso que essa ideia me passou pela cabeça por um momento...
(*Ela lança-lhe um olhar de reprovação*) Mas tens razão, são os nossos melhores amigos...

Os outros dois regressam.

Cristina – Voltou a adormecer...

Paco – Não sei o que vamos fazer...

Cristina – Para começar, esquecemos as férias.

Paco – Mas isso não resolve o nosso défice no banco. Já tinha pedido um crédito para pagar a minha parte do barco...

Vicente – Um crédito? Não...

Paco – Podes imaginar que se tivesse tido o dinheiro para pagar sozinho, nunca te teria pedido para participares...

Júlia – E não podes cancelar a compra do barco?

Paco – Já passei o cheque. O tipo tinha pressa, tinha outro cliente. Só lhe pedi que esperasse alguns dias antes de o depositar. O tempo necessário para que o Vicente me transferisse a sua parte.

Cristina – Estão a ver? Ficámos com um barco, mas sem casa nas Astúrias para desfrutá-lo!

Paco – E imagino que agora já não estejas interessado em pagar a tua parte.

Vicente – Mas vá lá, Paco, achas que sou assim?

Paco – O quê?

Vicente – Somos amigos, não somos?

Paco – Confesso que agora já não tenho tanta certeza...

Vicente – Quanto custa o barco?

Cristina – 6.000 euros.

Júlia – Não está mal...

Paco – Eram 3.000 euros cada um...

Vicente tira o talão de cheques e escreve um.

Vicente – Toma, um cheque de 6.000 euros. Só te peço que esperes até segunda-feira para o depositar. O tempo necessário para eu esvaziar a minha conta poupança e transferir o dinheiro para a minha conta corrente. De qualquer forma, a conta poupança já não dá praticamente juros.

Paco – Vais comprar um barco sozinho em que nunca vais poder navegar?

Cristina – Mas porquê?

Vicente – Como é que se chama este barco?

Paco – *Amigos para sempre...*

Vicente – Então está decidido!

Júlia – E que se lixe! Vamos fazer esse veleiro navegar de qualquer maneira. De certeza que há casas rurais baratas para alugar nas Astúrias, não?

Paco – Uma casa rural? Mas nunca teremos dinheiro para pagar a nossa parte do aluguer!

Júlia – Há anos que nos convidam para a vossa... esplêndida vila com vista para o mar em Gijón!

Paco – Agora mais com vista para debaixo do mar, mas enfim...

Júlia – Este ano, nós convidamos!

Cristina – Mas estão malucos! Vão à falência!

Vicente – Começo por vender a minha cave de vinhos... Tens razão, não é assim tão indispensável...

Paco – Mas prometo que te devolvo esses três mil euros. Mesmo que tenha de vender um dos meus rins.

Cristina – Sim, bom, com todo o vinho que bebes, não sei quanto valerão já esses rins... Vamos ser realistas. Não temos a certeza de poder devolver-vos esse dinheiro um dia...

Júlia – Não te preocupes. O dinheiro, entre amigos... Isso não é o que conta de verdade, certo?

Paco – Enfim, não sabemos o que dizer...

Vicente – Então não digam nada.

Os outros dois riem-se.

Vicente – O quê? O que foi que eu disse agora?

Cristina – Não, mas espera, é também uma brincadeira.

Júlia – O quê?

Paco – A casa de Gijón! Não lhe aconteceu nada!

Os outros dois ficam surpreendidos.

Cristina – Parecem desiludidos?

Vicente – Não, de todo, mas...

Júlia – Por que nos contaram essa história?

Paco – E isso dizem vocês?

Cristina – Só queríamos saber se éramos realmente amigos ou não.

Paco – E agora já temos a certeza.

Paco beija Vicente, e Cristina beija Júlia.

Cristina – Agora sabemos que podemos contar mesmo convosco.

Paco – E se um dia se fartarem das Astúrias, é só dizerem, ok?

Cristina – Em vez de inventarem cancros, despedimentos, divórcios...

Júlia – Não, não foi nada disso!

Vicente – Este verão vamos todos juntos para Gijón, como tínhamos planeado.

Paco – E o barco?

Júlia – Como é que se chama mesmo o barco?

Cristina – *Amigos para sempre.*

Vicente – Então fica decidido, não é?

O bebé começa a chorar.

Cristina – Bem, acho que já devemos ir. Todos tivemos emoções suficientes por hoje... Vou buscar o bebé.

Vai buscar o berço.

Júlia – Mas então, qual era a surpresa, afinal?

Paco – Ah, sim, a surpresa... Já decidimos a data do batizado da Sabrina.

Cristina regressa com o berço.

Cristina – Pensámos em fazer em Gijón, este verão...

Júlia – Ótimo...

Paco – E pensámos em vocês para serem os padrinhos...

Vicente – A sério?

Cristina – São os nossos melhores amigos, não são?

Paco – Por isso é que estávamos tão desiludidos...

Cristina – Então?

Vicente – Então o quê?

Paco – Aceitam?

Vicente – Claro que sim! Não é, Júlia?

Júlia – Nada nos poderia fazer mais felizes.

Paco e Cristina enxugam uma lágrima.

Cristina – Não imaginam a alegria que nos dão.

Paco – É melhor irmos embora agora, se não vamos acabar a chorar...

O bebé começa a chorar. Cristina pega no bebé no berço e coloca-o nos braços de Vicente, que fica um pouco desconfortável.

Cristina – Agora és o padrinho dela...

Vicente – Tens a certeza de que não é demasiado contagioso...?

Todos sorriem de forma pateta. Cristina volta a pôr o bebé no berço. Despedem-se e vão-se embora. Vicente e Júlia ficam sozinhos.

Júlia – Vamos lá acabar o champanhe...

Enchem os copos e brindam.

Vicente – A boa notícia é que não fui despedido, e que não tens cancro.

Júlia – E, acima de tudo, que não és gay e que não nos vamos divorciar...

Vicente – A má notícia é que não nos vamos livrar de passar o mês de agosto em Gijón com aqueles dois idiotas.

Júlia – E aquele miúdo que não para de chorar dia e noite...

Vicente – E agora ainda por cima somos padrinho e madrinha...

Júlia – Sim, quase fazemos parte da família...

Vicente – O que significa que não nos vamos livrar deles...

Júlia – Os amigos, às vezes, é mais fácil fazê-los do que desfazê-los...

Levantam os copos para brindar uma última vez.

Vicente – Pois bem...

Júlia – À amizade!

Bebem.

Um momento.

Vicente – Devia estar um pouco mais fresco, não achas?

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-268-5

Documento para download gratuito